

Família Missionária Verbum Dei
Caderno de Oração Quaresma/Páscoa 2023

Em Caminho de Ressurreição



«Maria levantou-se e partiu apressadamente»
Lc I, 39

Gostávamos de saber se o Caderno de Oração ajuda o seu dia-a-dia. Envie-nos a sua opinião!

Se preferir receber o caderno por e-mail ou pelo correio ou se conhece alguém que gostasse de o receber, envie um e-mail para: cadernodeoracaovd@gmail.com

O Caderno de Oração está disponível em formato PDF no site da Família Missionária Verbum Dei de Lisboa:

lisboa.verbumdei.org

Equipa do Caderno de Oração
da Família Missionária Verbum Dei de Lisboa:

Andreia Alexandre
António Azevedo
Cristina Mesquita
Filipa Ramalhete
Francisco Valles
Joana Galvão Teles
João Ricardo Moreira
Manuela Cerejeira
Marta Valles
Paula Mourão
Paulo Vieira
Pilar Bazo (Missionária VDei)
Sofia Palminha
Pe. Valter Malaquias
Ventura Adrover (Missionária VDei)

Colaboração de:

Leonor Balcão Reis
Liliana Macedo
Luís Leal
Rita Brígida
Tiago Pinto Coelho

Comentários e sugestões para:
[**cadernodeoracaovd@gmail.com**](mailto:cadernodeoracaovd@gmail.com)

Em Caminho de Ressurreição

4	INTRODUÇÃO
	PARTE I Quaresma
8	22 Fevereiro - Quarta-feira de Cinzas
13	26 Fevereiro - Domingo I da Quaresma
18	5 Março - Domingo II da Quaresma
23	12 Março - Domingo III da Quaresma
27	19 Março - Domingo IV da Quaresma
32	26 Março - Domingo V da Quaresma
	PARTE II Semana Santa e Páscoa
38	2 Abril - Domingo de Ramos
43	6 Abril - Quinta-feira Santa
48	7 Abril - Sexta-feira Santa
51	8 Abril - Vigília Pascal
55	9 Abril - Domingo de Páscoa
	PARTE III Textos da Igreja
62	Introdução
64	Viagem Apostólica a Portugal: excertos de homilias e discursos - Papa Bento XVI
70	Mensagem para o Dia Mundial da Paz de 2023 - Papa Francisco
73	Festa do 60º Aniversário da Verbum Dei
74	Congresso 3 Milhões de Nós
77	Mensagem aos Jovens que se preparam para a JMJ 2023 - Papa Francisco

Em Caminho de Ressurreição

Estou no meio de um mato frio, silencioso, de terra preta mole e fértil.

Contemplar tantas árvores e plantas é um luxo. Tudo fala de criação.

Parece que as árvores são diferentes, mas não é fácil identificar a sua espécie, pois estão despidas de folhas, aliás, muitas delas parecem estar mortas.

A minha curiosidade leva-me a procurar a resposta, e encontro-a no chão onde estão os restos das suas folhas e dos seus frutos. Agora sim, posso dizer que há sobreiros, pelas suas bolotas e folhas com ondas desenhadas, também encontro aveleiras, as quais me fazem olhar para uns arbustos que querem chegar a árvores, mas o que mais há são castanheiros, mesmo muitos castanheiros que têm semeado o chão de castanhas e folhas largas, que parecem ter sido cortadas com aquelas tesouras de picotar.

Mais adiante há árvores fáceis de reconhecer porque as suas folhas permanecem verdejantes, são aquelas a que chamamos de folha perene, há pinheiros de diferentes classes, ciprestes...

Uns parecem cheios de vida, mas os outros parecem mortos... Terão sucumbido ao inverno e ao frio? São lenhos secos que só servem para acender fogueiras?

Olhando e olhando, observando e observando, contemplando, e contemplando o meu olhar depara-se com um pequeno, minúsculo rebento que parece ter vida, e comecei a lembrar-me de uma explicação de quando era pequenina.

Foi o meu avô que, sem ter estudado, me falou de como a natureza é sábia. As árvores no inverno sabem proteger-se e procuram a força no seu interior, nas suas raízes, e como não podem gastar muitas energias protegendo o seu exterior, soltam as suas folhas, e deixam-nas cair, para se poderem voltar para dentro, fazer um processo de hibernação, de interioridade. O trabalho da árvore está centrado nas suas raízes, no calor da terra, centrando-se no fundamental e procurando no seu interior o que não tem no exterior. Grande ensinamento!

Tudo isto me faz lembrar o tempo litúrgico que vamos começar a viver: a Quaresma e a Páscoa. Um caminho de morte e ressurreição: saber deixar o que não nos ajuda na nossa vida, e viver, proteger as nossas vulnerabilidades e carências através da oração, da procura de uma vida interior que nos leve ao fundamental, a essa vida que temos dentro de nós, a procurar a vida de Deus no nosso interior.

Não nos enganemos com as falsas ofertas de vida e, como dizia Santo Agostinho, “Senhor, estavas dentro de mim e eu fora, e aí te procurava...”, até compreender que estavas no meu interior.

Será desta vivência que surge a vida? Será desta maneira que passamos da escuridão para a luz?

Será esta a nossa experiência de grão de trigo que parece que morre para dar mais vida (Jo 12,23-24)?

Será que podemos acompanhar Jesus até à ressurreição, passando pela morte?

A chave perdida

Uma noite, um homem que regressava a casa encontrou um vizinho debaixo de um poste de iluminação de rua à procura de algo.

-Qual é o seu problema?, perguntou o recém-chegado.

-Perdi a minha chave e não consigo entrar em casa, respondeu ele.

-Vou ajudá-lo a procurá-la.

Depois de algum tempo a procurar conscienciosamente à volta do poste da lâmpada, o bom vizinho perguntou:

-Tem a certeza de que perdeu a chave aqui?

-Não, perdi a chave ali, respondeu o homem apontando para um canto escuro da rua.

-Então o que está a fazer à procura sob este poste de luz?

-É, apenas, porque há mais luz aqui.

parte I

Quaresma

Jl 2,12-18

Sl 50 (51)

Viver a Vida Eterna já hoje, na nossa realidade

2 Cor 5,20–6,2

Mt 6,1-6.16-18

«Irmãos: Nós somos embaixadores de Cristo; é Deus quem vos exorta por nosso intermédio. Nós vos pedimos em nome de Cristo: reconciliai-vos com Deus. A Cristo, que não conheceu o pecado, identificou-O Deus com o pecado por amor de nós, para que em Cristo nos tornássemos justiça de Deus. Como colaboradores de Deus, nós vos exortamos a que não recebeis em vão a sua graça. Porque Ele diz: “No tempo favorável, Eu te ouvi; no dia da salvação, vim em teu auxílio”. Este é o tempo favorável, este é o dia da salvação.»

(2 Cor 5, 20 – 6, 2)





grande sonho de Deus para nós é que, assim como Jesus e como Maria, vivamos já hoje, no mundo, aqui e agora, a vida eterna, que é viver sabendo-nos amados por Deus – pois só essa forma de vida nos traz a liberdade de amar e a justiça de Deus (o que Jesus nos diz claramente através de João, 17).

Três ideias, que se retiram das leituras de hoje, para esse Caminho:

1) A morte no texto aparece identificada com o pecado, que é aquilo que nos tira da nossa identidade fundamental, que nos separa do Pai, que nos tira a vida e o sentido.

As nossas tentações e “mortes” entram nos nossos desertos interiores (a nossa solidão, sozinhos ou acompanhados, necessidades desatendidas ou incompreendidas, dores, mágoas, ressentimentos, ações ou gestos que não tivemos ou que tivemos, palavras que não dissemos ou que não devíamos ter dito, etc.), fomes e sedes de outras fontes mundanas (reconhecimento, cobrança de retorno, hábitos que não conseguimos largar, recompensas rápida, soluções fáceis e rápidas, etc.), incapacidades e inseguranças (que não aceitamos ou não reconhecemos ou com as quais não lidamos).

Estas tentações e mortes prendem-nos a “falsas” seguranças deste mundo e de nós mesmos e, assim, retiram-nos a capacidade de sermos verdadeiramente livres, de vivermos no Pai e de amarmos os outros como Jesus também amou. Retiram-nos a “vida eterna”.

2) O grande desafio da Quaresma é o de “curar” os nossos desertos, fomes e sedes, incapacidades com o alimento e com a Pessoa certa, com Deus. E este é o tempo favorável, para que Ele nos ouça, este é o dia da Salvação, para que venha em nosso auxílio e nos transforme.

Os ingredientes que nos foram indicados para este tempo por Jesus são: a oração, o jejum e a esmola, que mais não são do que a

familiaridade e relação permanente e verdadeira com o Pai, o despojamento daquilo que nos prende e não nos deixa sermos livres e sentirmos verdadeiramente e, finalmente, a caridade com o outro (o olhar e atender o outro com os olhos e o amor com que Jesus nos olhou e nos atendeu).

3) Deus já mandou o Seu filho, que viveu e morreu por nós, para nos dar e ensinar o Caminho para a vida eterna (viver no Pai). Ele já nos deu a Sua graça. E nós? Que queremos fazer com ela?

É num espaço de liberdade (daquilo que nos prende e nos “mata” por partes ou aos bocadinhos), e, em segundo lugar, de ousadia, coragem, audácia (quantas vezes são os caminhos de ousadia e coragem que nos trazem luz!), que nos podemos deixar guiar por Ele e que, com Fé, se realiza o Sonho de Deus de vivermos a vida eterna (viver no Pai) já hoje.

Deste modo, convidas-nos a rezar e a dar, Contigo, os passos seguintes:

1) REZAR e TOMAR CONSCIÊNCIA: de quem sou, como sou, da minha identidade fundamental, das minhas tentações e do que me mata e separa do amor de Deus, da realidade em que me encontro, do mundo em que me movo e, bem assim, do outro, da relação entre mim e os outros;

2) RESPEITAR-ME e DESPOJAR-ME: identificar aquilo que posso fazer para cuidar dos meus desertos, fomes e sedes, incapacidades, o que tenho de Te entregar e aquilo em que posso evoluir para, na minha possibilidade e com o Teu amor, me respeitar mais na minha identidade fundamental e, assim, respeitar também mais o outro;

3) Neste espaço de liberdade, OUSAR e ABRIR-ME à novidade dos caminhos de AMOR que me propões, ver para onde posso partir apressadamente, Contigo, porque os caminhos existem e, se estivermos disponíveis, encontramos-os para os viver já hoje, na nossa realidade.

...gosto de pensar que Jesus de Nazaré viveu a sua aventura no meio dos homens a fim de os fazer descobrir, saborear e apreciar a maravilhosa viagem que é a aventura humana.

O Deus revelado por Jesus não é um Deus do depois da morte, mas do aquém da vida, e tem por único sonho «o homem vivo» (Irineu de Lião, Contra as heresias), o homem feliz e realizado nesta terra, vivendo uma vida em plenitude, aquela que nos Evangelhos é chamada vida eterna.

E Jesus – o Deus encarnado – veio precisamente para habilitar o homem para essa vida plena: «Eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância» (Jo 10,10). Por isso toda a obra e a palavra de Jesus estão voltadas para a edificação de um homem perfeito, ou seja, maduro, completo, realizado aqui, nesta terra. (...)

Por isso agora, vivendo como ressuscitado, posso amar os irmãos e, gastando-me no amor, limito-me a levar às últimas consequências esta ressurreição que já atua em mim.

Jesus veio para nos dar a possibilidade de amarmos os irmãos: «Dou-vos um mandamento novo, amai-vos uns aos outros», onde este «dou-vos» equivale a «concedo-vos, habilito-vos, torno-vos capazes de amar»! O Espírito dado na cruz, o Espírito na ressurreição, é precisamente o amor de Deus em nós, que nos habilita para amarmos os irmãos (cf. Rm 5,5). Quem ama como Deus, vive «de Deus», isto é, nunca conhecerá a morte. Portanto, a aventura de Cristo teve lugar para que nós não conhecêssemos a morte, tornando-nos finalmente capazes de amar os irmãos.

Jesus ensinou-nos e mostrou-nos que o amor é mais forte do que a morte, por isso quando a morte biológica nos tocar, nós continuaremos a viver para além dela.

Pelo contrário, quem não ama vive numa espécie de autodestruição, como se se consumisse nesta vida marcada pelo fracasso. (...)

Se vivermos no amor chegando a ser uma só coisa com o Pai, continuaremos a viver no Pai para sempre; estaremos em casa no amor e ninguém poderá expulsar-nos dessa morada! «Quem poderá separar-nos do amor?», interroga-se Paulo (Rm, 8,35). Nada, nem sequer a morte, porque estando no Amor somos vencedores inclusive sobre a morte: «Estou convencido de que nem a morte nem a vida, nem os anjos nem os principados, nem o presente nem o futuro, nem as potestades, nem a altura, nem o abismo, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus que está em Cristo Jesus, Senhor nosso» (Rm 8,38s).

(Paolo Scquizzato, “Por último virá a morte...e depois? Reflexões sobre o viver e o viver mais”, Prior Velho, Paulinas, 2016)

Cria em mim, ó Deus, um coração reto

- Gn 2,7-9;3,1-7 «O Senhor Deus formou o homem do pó da terra, insuflou em suas narinas um sopro de vida, e o homem tornou-se um ser vivo. Depois, o Senhor Deus plantou um jardim no Éden, a oriente, e nele colocou o homem que tinha formado. Fez nascer na terra toda a espécie de árvores, de frutos agradáveis à vista e bons para comer, entre as quais a árvore da vida, no meio do jardim, e a árvore

da ciência do bem e do mal.»

(Gn 2, 7-9)

«Cria em mim, ó Deus, um coração puro
e fazei nascer dentro de mim um espírito firme.
Não queirais repelir-me da vossa presença
e não retireis de mim o vosso espírito de santidade.

Pecámos, Senhor: tende compaixão de nós.

Dai-me de novo a alegria da vossa salvação
e sustentai-me com espírito generoso.

Abri, Senhor, os meus lábios
e a minha boca cantará o vosso louvor.»

(Sl 50)

«Naquele tempo, Jesus foi conduzido pelo Espírito ao deserto, a fim de ser tentado pelo Diabo. Jejuou quarenta dias e quarenta noites e, por fim, teve fome. O tentador aproximou-se e disse-lhe: “Se és Filho de Deus, diz a estas pedras que se transformem em pães”. Jesus respondeu-lhe: “Está escrito: ‘Nem só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus’”. Então o Diabo conduziu-O à cidade santa, levou-O ao pináculo do templo e disse-Lhe: “Se és Filho de Deus, lança-Te daqui abaixo, pois está escrito: ‘Deus mandará aos seus Anjos que te recebam nas suas mãos, para que não tropeces em alguma pedra’”. Respondeu-lhe Jesus: “Também está escrito: ‘Não tentarás o Senhor teu Deus’”. De novo o Diabo O levou consigo a um monte muito alto, mostrou-Lhe todos os reinos do mundo e a sua glória, e disse-Lhe: “Tudo isto Te darei, se, prostrado, me adorares”. Respondeu-lhe Jesus: “Vai-te, Satanás, porque está escrito: ‘Adorarás o Senhor teu Deus e só a Ele prestarás culto’”. Então o Diabo deixou-O e aproximaram-se os Anjos e serviram-No.»

(Mt 4, 1-11)



As leituras do primeiro domingo da Quaresma são dedicadas à Salvação que Jesus nos traz com a Sua vida e morte. Quando as li, para preparar estas pistas, fiquei presa nas referências ao pecado. São leituras que já ouvimos muitas vezes, mas, desta vez, pensei especialmente na desobediência de Adão e Eva e nos momentos em que, por impulso ou irreflexão (às vezes, até por falta de empatia ou compaixão), não faço o que Deus me pede.

No entanto, depois de uma nova leitura, comecei a olhar para elas de forma diferente: todas as leituras nos revelam que todos somos pecadores. Ou seja, todos somos imperfeitos, todos estamos em permanente construção. À medida que os anos avançam e que tento crescer como cristã, tenho aprendido (ainda que nem sempre esse pensamento seja imediato e natural) que não devemos ter vergonha nem medo das nossas imperfeições, de sermos humanos.

Todos somos pecadores, porque é essa a nossa condição de seres terrenos. Mas os momentos em que conseguimos ser suficientemente humildes para o reconhecer podem ser muito transformadores. Se assumirmos que nem sempre estamos à altura daquilo que gostaríamos de ser, ganhamos a capacidade de o reconhecer. Isto não quer dizer que nos resignemos e usemos esta condição como desculpa para os momentos em que pecamos, em que magoamos os outros, em que não damos o nosso melhor, em que não fazemos tanto quanto podemos para ser alegres, simpáticos e compreensivos com os que nos rodeiam, mas antes que somos capazes de, através da oração, da conversa com Jesus, discernir e reconhecer onde e como podemos fazer melhor.

Porém, podíamos perguntar se isso não é o que todos os homens e mulheres de boa vontade fazem, sendo ou não crentes. Qual é, então, a diferença de o fazer sendo cristãos? Aquilo que distingue

os cristãos, neste ponto, é que temos Jesus como exemplo de Salvação, como bússola para nos nortear, para nos dizer que devemos amar e perdoar (aos outros e a nós próprios), para nos acompanhar neste caminho. E o tempo da Quaresma é um tempo privilegiado para crescer na Fé – com a Ressurreição à vista –, não podemos deixar de querer ser melhores, de pedir a Deus um “coração puro” e um “espírito firme”. E pedir para, quando cedemos à tentação e não somos tão santos como gostaríamos, Ele nos alimentar com “a alegria da Vossa salvação” e nos sustentar “com espírito generoso”. E que Nossa Senhora, com o Seu colo e a Sua humildade, nos acompanhem. Boa Quaresma!



Imagem de Nossa Senhora da Humildade na Capela Imaculada, Seminário de Nossa Senhora da Conceição, em Braga (escultor Asbjörn Andresen)

Cria em mim, ó Deus

*Cria em mim, ó Deus, um coração puro.
Renova em mim um espírito reto.*

*E não me retires da Tua presença,
E não afastes de mim o Espírito Santo,
Devolve-me o gozo da Tua salvação
Cria em mim um espírito reto.*

Transfigurar o estar no caminhar

- Gn 12,1-4a «Naqueles dias, o Senhor disse a Abrão:
“Deixa a tua terra, a tua família e a casa de teu
pai e vai para a terra que Eu te indicar. Farei
de ti uma grande nação e te abençoarei;
SI 32 (33) engrandecerei o teu nome e serás uma
2 Tm 1,8b-10 bênção. Abençoarei a quem te abençoar,
Mt 17,1-9 amaldiçoarei a quem te amaldiçoar; por ti
serão abençoadas todas as nações da terra”.

Abrão partiu, como o Senhor lhe tinha ordenado.»

(Gn 12, 1-4a)

«Naquele tempo, Jesus tomou consigo Pedro, Tiago e João, seu irmão, e levou-os, em particular, a um alto monte e transfigurou-Se diante deles: o seu rosto ficou resplandecente como o sol, e as suas vestes tornaram-se brancas como a luz.»

(Mt 17, 1-2)



Tempo de Quaresma. Tempo em que somos convidados a um outro modo de vida. A converter a forma como vivemos. E só podemos fazer isso se nos aproximarmos mais e mais do Senhor Jesus. Uma proximidade que nos torne disponíveis e atentos ao que Ele nos disse em qualquer momento.

Não é essa uma conversão de vida que temos de fazer?

Por isso temos de nos perguntar: como nos temos disposto a escutar o Senhor? E como o vamos fazer agora, neste tempo?

Que momento, e espaços, criamos para O escutar? Que realidades deixamos ser tocadas pelas Suas palavras?

Como crio, em mim, esse espaço e tempo de disponibilidade?

A palavra do Génesis hoje é dirigida a mim: *“Deixa a tua terra, a tua família e a casa de teu pai e vai para a terra que Eu te indicar”*.

Mas o que quer isto dizer? Qual é a minha terra?

Sinto que muitas vezes a minha terra é o que dou como adquirido. Aquilo que já nem questiono na minha vida, nas minhas escolhas, nas minhas ações.

Muitas vezes tenho um sentimento de posse sobre algo ou alguém. Isso ou aquele é meu.

E eu o que sou (com todo o meu passado)?

Como é que isso me mantém numa determinada “terra” que chamo minha?

Mágoas, ressentimentos ou a ilusão do como poderia ter sido...

Na Quaresma somos convidados a uma conversão de vida. E hoje essa conversão vem com o desafio de deixar a minha terra?

Deixo que a Palavra de Deus ilumine o que tenho de mudar para conseguir pôr-me a caminho?

O Senhor diz-me: *“vai para a terra que Eu te indicar”*.

É um convite a que esteja, estejamos, sempre a caminho.

Tantas vezes dizemos que a vida é um caminho. Hoje somos, uma vez mais, convidados a iniciá-lo.

Somos convidados a transformar, transfigurar, o estar parado no estar em caminho.

Mas só conseguimos fazer isso com Jesus.

No Evangelho vemos que Jesus chama e escolhe os discípulos para subir ao monte. Ele chama-os, chama-nos, pelo nome. Ele escolhe-os, escolhe-nos, para estarmos junto d'Ele. Para subir com Ele ao monte, estar em oração com Ele.

Só assim, em oração e unidos a Ele, nos podemos aperceber de que é na Sua transfiguração que a nossa vida, as nossas opções e as nossas atitudes, podem ser transfiguradas.

O que é que na minha vida precisa de ser iluminado pela Palavra de Deus e ser transfigurado pelo Espírito Santo?

Estamos na Quaresma. Tempo de convite à conversão.

Hoje o desafio é: *“Deixa a tua terra, (...) vai para a terra que Eu te indicar”*.

Estou disposto a deixar-me transfigurar?



A frase é de Kafka, mas a turbulência e a melancolia que nela cabem são nossas. A frase é esta: “Existe a meta, mas não existe o caminho”. Porventura é assim que nos sentimos. Capazes de identificar o que seria o bem, mas confusos quanto à possibilidade de alcançá-lo. Motivados por uma promessa de felicidade que cumpra plenamente a existência, mas incertos quanto aos passos a dar nessa direção. Firmes na teoria, mas embaraçados na prática. Dispostos inclusive a abdicar de tudo, condescendendo com a expropriação de nós próprios.

[...]

Desde a [...] quarta-feira de cinzas, até à noite pascal abriu-se [...] um tempo, austero na forma, mas impressionantemente audaz no propósito: ligar de forma mais objetiva, e por certo também mais autêntica, aquilo que creem ser a meta a um exercício concreto e quotidiano, isto é, a um caminho. A Quaresma não tem outro sentido. E se é verdade que ela toca de modo muito diferenciado o conjunto dos cristãos, não deixa de ser uma experiência que se destina a todos. É isso precisamente que o Papa Francisco recorda na sua mensagem anual: “Gostaria de pedir a todos para viverem este tempo de Quaresma como um percurso de formação do coração”.

A tradição cristã, muito sustentada pela liturgia, aponta três vias que perfazem o único caminho de conversão.

***A primeira via é a oração.** O cristão é chamado a fazer do tempo um templo espiritualizando a globalidade da existência através da oração. A oração é uma disponibilidade à relação que depois se concretiza numa determinada prática. É uma ponte lançada com confiança, muitas vezes no meio da completa escuridão, entre o eu e o Tu, entre o tangível e o Transcendente, entre o homem e Deus. E o orante sabe que tudo nele reza: as suas palavras e o seu silêncio, as expressões vocais mas também as simplesmente corporais, o que ele sabe e o que ele ignora. Não é sem razão que os padres do deserto lembravam que abrir as mãos é*

já rezar. E São Francisco dizia o mesmo do caminhar a pé. A Quaresma será para os cristãos um tempo de reencontro com a oração.

A segunda via, e que várias tradições religiosas perfilham, ***é a do jejum***. Não se trata propriamente de um interdito alimentar, pois distingue o cristianismo a ausência de normas desse teor. Trata-se de procurar uma moderação que nos chega pela sobriedade. No alimento jogam-se muitas representações simbólicas. Por exemplo, derramamos sangue (quer dizer, vida) para nos alimentarmos das outras criaturas. Ou alimentamo-nos de uma mesa abundante sem pensar na penúria de tantos dos nossos semelhantes. O jejum repõe uma lógica mais fraterna. Ajuda-nos a relativizar as reivindicações do nosso eu e os direitos que temos por adquiridos. Dá-nos consciência das múltiplas formas da nossa voracidade. Introduce sentido crítico nas nossas confortáveis rotinas. E aponta-nos o caminho da renúncia voluntária como meio de crescimento interior.

A terceira via é a da esmola, estrada que os cristãos também dividem com outras confissões. A pergunta que Deus faz a Caim: “onde está o teu irmão?”, ressoa aqui como um programa para atuar a solidariedade e a partilha dos bens. Recordo o Papa Francisco: “A Quaresma é um tempo propício para mostrar este interesse pelo outro, através de um sinal - mesmo pequeno, mas concreto - da nossa participação na humanidade que temos em comum”.

(«Tempo de Quaresma», excertos,
por D. José Tolentino Mendonça in imissio.net)

Convite a duvidar!

- Ex 17,3-7 «Naqueles dias, o povo israelita, atormentado pela sede, começou a alterar com Moisés, dizendo: “Porque nos tiraste do Egípto? Para nos deixares morrer à sede, a nós, aos nossos filhos e aos nossos rebanhos?”. Então Moisés clamou ao Senhor, dizendo: “Que hei de fazer a este povo? Pouco falta para me apedrejarem”. O
- Sl 94 (95) Senhor respondeu a Moisés: “Passa para a frente do povo e leva contigo alguns anciãos de Israel. Toma na mão a vara com que fustigaste o Rio e põe-te a caminho. Eu estarei diante de ti, sobre o rochedo, no monte Horeb. Baterás no rochedo e dele sairá água; então o povo poderá beber”. Moisés assim fez à vista dos anciãos de Israel. E chamou àquele lugar Massa e Meriba, por causa da alteração dos filhos de Israel e por terem tentado o Senhor, ao dizerem: “O Senhor está ou não no meio de nós?”.»
- Rm 5,1-2.5-8 (Ex 17, 3-7)
- Jo 4,5-42



A dúvida faz parte do ser humano: a dúvida na presença de Deus, mas também as dúvidas quer relativamente a mim quer sobre o outro... Somos, na realidade, seres que nascemos, vivemos e morremos no mistério e, por conseguinte, mais ou menos “mergulhados” em dúvidas.

Se duvidar fosse um problema para a nossa existência, o ser humano não teria chegado aqui... No entanto, as dúvidas que acabam por assolar o ser humano são, muitas vezes, inquietantes e, até mesmo, dolorosas... causadoras de grande sofrimento! A ausência de respostas “tira-nos o chão”, a crise é isso mesmo, a noção de que (já) não temos respostas para as nossas questões e de que somos chamados a procurar novas respostas!

O povo de Israel estava também neste dilema. A presença de Moisés nas suas vidas funcionou como resposta durante muito tempo... Aquele homem, enviado por Deus, cativava-os e tornou possível o impossível que foi a sua libertação. Ainda assim, a dúvida “bateu-lhes à porta”, muitas vezes... Agora estavam livres, mas famintos...

Nesta dualidade que é a insondável mente humana, de adorado, pouco faltou para Moisés ser apedrejado por aquele povo por quem a tudo renunciou e por quem deu a vida!

Na dúvida, o ser humano é capaz de tudo. Salvar, matar, salvar-se ou tirar a própria vida.

O “duvidar” não deveria assustar-nos tanto, bloquear-nos...

Vejamos as nossas dúvidas não como fim, mas um meio para chegar mais longe, confiar no desconhecido porque o controlo absoluto é, de facto, sempre uma miragem. A dúvida terá sempre espaço para habitar no recanto mais escondido.

Vivamos as nossas dúvidas com humildade. A busca por uma vida humilde leva-nos sempre mais próximo de Deus!

Moisés experimentou também deixar-se levar além das suas forças, a colocar os seus medos em Deus, que é a sua esperança... E Deus não lhe dá a solução, mas abre-lhe caminhos. Não será esta a forma mais permanente da atuação de Deus em cada um de nós? Mais do que respostas ou soluções, apresenta-nos novos caminhos sem que vejamos o seu fim. Como tal, as dúvidas estão sempre lá!

Conseguimos ver também na nossa vida o momento de dúvida, de incerteza, de crise, como um “dom” (e não um grande problema)?

Duvidar não é pecado! Poderá ser pecado aquilo que possamos fazer com as nossas dúvidas...

Duvidar é também, portanto, um convite! Somos chamados a dar um salto, um salto que não se conseguirá fazer apenas com o nosso racional e as nossas forças. Este salto será também um salto na confiança, na esperança, na maturidade humana, na certeza de que a nossa natureza não subsiste isolada, mas há mais, há sempre mais.



Deus está em toda a parte e temos de saber encontrá-lo em todas as coisas [...] Sim, nesse procurar e encontrar Deus em todas as coisas sobra sempre uma zona de incerteza. Assim deve ser. Se uma pessoa diz, com absoluta convicção, que encontrou Deus sem sentir uma margem de incerteza, qualquer coisa não está bem. Para mim, isso é uma chave importante. Se uma pessoa tem resposta para todas as perguntas, isso é a prova de que Deus não está com ela. Quer dizer que é um falso profeta, que usa a religião para si próprio. Os grandes condutores do povo de Deus, como Moisés, ofereceram sempre espaço à dúvida. Deve dar-se espaço ao Senhor, não às nossas certezas; temos de ser humildes. [...]

Abraão partiu sem saber para onde ia, pela Fé. [...] A nossa vida não nos é dada como um libreto de ópera em que está tudo escrito; mas é andar, caminhar, fazer, procurar, ver... Deve-se entrar na aventura da busca do encontro e do deixar-se procurar e encontrar por Deus. [...] Tenho uma certeza dogmática: Deus está na vida de cada pessoa.

(Papa Francisco, In Temos de Ser Normais,
em conversa aberta com Antonio Spadaro, SJ)

Eu creio, Senhor!

- 1Sm 16,1b.6-7.10-13a «Ao passar, Jesus viu um homem cego de nascença.
- Sl 22 (23) Os seus discípulos perguntaram-lhe, então: “Rabi, quem foi que pecou para este homem ter nascido cego? Ele, ou os seus pais?” Jesus
- Ef 5,8-14 respondeu: “Nem pecou ele, nem os seus pais, mas isto aconteceu para nele se
- Jo 9,1.6-9.13-17.34-38 manifestarem as obras de Deus. Dito isto, cuspiu no chão, fez lama com a saliva, ungiu-lhe os olhos com a lama e disse-lhe: “Vai, lava-te na piscina de Siloé” - que quer dizer

Enviado. Ele foi, lavou-se e regressou a ver. Então, os vizinhos e os que costumavam vê-lo antes a mendigar perguntavam: “Não é este o que estava por aí sentado a pedir esmola?” Uns diziam: “É ele mesmo!” Outros afirmavam: “De modo nenhum. É outro parecido com ele.” Ele, porém, respondia: “Sou eu mesmo!”

Levaram aos fariseus o que fora cego.

O dia em que Jesus tinha feito lama e lhe abrira os olhos era sábado. Os fariseus perguntaram-lhe, de novo, como tinha começado a ver. Ele respondeu-lhes: “Pôs-me lama nos olhos, lavei-me e fiquei a ver.” Diziam então alguns dos fariseus: “Esse homem não vem de Deus, pois não guarda o sábado.” Outros, porém, replicavam: “Como pode um homem pecador realizar semelhantes sinais miraculosos?” Havia, pois, divisão entre eles.

Perguntaram, então, novamente ao cego: “E tu que dizes dele, por te ter aberto os olhos?” Ele respondeu: “É um profeta!” Responderam-lhe: “Tu nasceste coberto de pecados e dás-nos lições?” E puseram-no fora. Jesus ouviu dizer que o tinham

expulsado e, quando o encontrou, disse-lhe: “Tu crês no Filho do Homem?”

Ele respondeu: “E quem é, Senhor, para eu crer nele?” Disse-lhe Jesus: “Já o viste. É aquele que está a falar contigo.” Então, exclamou: “Eu creio, Senhor!” E prostrou-se diante dele.»

(Jo 9, 1-3.6-9.13-17.34-38)





Quarto domingo da Quaresma, o Domingo da Alegria, em que todas as leituras nos propõem a luz. Jesus é a luz do mundo, Jesus é a nossa alegria!

Nesta leitura do Evangelho de João, a passagem do escuro à luz é-nos dada através de um cego, alguém sem nome, um, que podia ser qualquer um de nós.

Comecemos por dividir esta leitura em momentos:

Primeiro, o encontro de Jesus com o cego.

Os cegos eram excluídos socialmente, por se considerar fazerem parte do resultado do pecado - *“quem pecou, este ou os seus pais?”* - e Jesus faz questão de responder *“nem ele nem os seus pais”*. Jesus faz questão de negar a relação entre pecado e sofrimento; ainda nos dias de hoje, tantas são as pessoas que acreditam nesta ideia errada, e tão difícil é fazê-las entender que Jesus não exclui, só inclui; que Jesus não causa dor, apenas passa amor; que Jesus não condena e sempre perdoa. Se repararem, há um momento em que Jesus é posto em causa por fazer uma cura num sábado, mas, para quem ajuda verdadeiramente, todos os dias da semana são válidos, todas as horas do dia fazem a diferença.

Num segundo momento, dá-se o tratamento, a cura. Quando se lê *“cuspiu na terra e fez lodo com a saliva”*, devemos ir atrás no tempo, aquando da criação do Homem. *“Deus formou o Homem do pó da terra e insuflou-lhe o sopro da vida”* (Gn 2,7). Parece que Jesus *“arranja”* o vaso de barro, que somos nós, com o pó da terra e, com a sua saliva, o poder da cura de Deus, Jesus renova o cego... Jesus renova-nos.

De seguida, podemos ver um terceiro momento no pedido que Jesus faz ao cego. Subtilmente, Jesus pede-lhe disponibilidade, tal como nos pede a nós: *“Vai lavar-te à piscina de Siloé (que significa O Enviado)”*. Esta disponibilidade é o essencial para a transformação

acontecer. Esta “lavagem” é o que nos limpa dos pecados, dos erros cometidos, que nos traz a conversão.

Neste encontro com Jesus, o querer ser luz só acontece se cada um de nós confiar e se oferecer para seguir esse caminho. Esse aceitar ser filho de Deus, “ser bondade, justiça e verdade”, deve ser visto como a liberdade de escolha que nos é oferecida, o dom de sermos melhores pessoas.

Quando o cego começa por não saber quem é Jesus e gradualmente vai interiorizando a luz, e as suas respostas vão mudando para “*é o profeta*”, “*quereis vós também ser seus discípulos?*”, “*se Ele não fosse Deus, nada poderia fazer*” e finaliza com “*creio Senhor!*”, pode ser o quarto momento.

E, se olharmos para os que assistem, podemos ver que não são todos iguais, que não têm todos a mesma forma de ver as coisas, que diferentes atitudes e comportamentos acontecem:

- Há os que acreditam ou questionam, mas não dão o passo: “*Onde está ele?*”.

- Os que não se querem comprometer por medo do que os outros vão pensar das suas crenças, e de poderem, por essa razão, ser excluídos da comunidade: “*sabemos que este é o nosso filho que nasceu cego... tem idade, perguntai-lho e ele falará por si mesmo*”.

- Os que não querem aceitar, que se opõem à luz, por tradicionalismo, por não aceitarem que se possa querer mudar: “*Também nós somos cegos?*”

Quem somos nós? O cego? Ou somos dos que assistem? Onde nos encaixamos?

Esta luz que nos é dada, esta luz que é dom da fé, esta luz que recebemos no Batismo, esta luz que transforma a nossa vida... Queremo-la?

Vivamos este Domingo da Alegria com essa alegria que Jesus nos passa pela luz, e que nos renova sempre que nos dispomos a recebê-la!

Creio Senhor!

*Creio na Tua luz, Senhor
Que cresce no silêncio
E se quer propagar por mim!
Creio na Tua luz, Senhor
Que não vê em mim pecado
E apenas pede o meu sim!
Creio na Tua luz, Senhor
Que me faz ascender o olhar
Para que ao ver possa reparar!
Creio na Tua luz, Senhor
Que me oferece liberdade
De Te escolher e confiar!
Creio na Tua luz, Senhor
Que em tudo me faz sentido
E que leva o meu ser a ser construído!
Creio na Tua luz, Senhor,
Recebo-a como um dom
E com alegria a divido!*

(Rita Brígida)

Somos Lázaro

- Ez 37,12-14 «Então, as irmãs enviaram a Jesus este recado: “Senhor, aquele que amas está doente.”
- Sl 129 (130) Ouvindo isto, Jesus disse: “Esta doença não é de morte, mas sim para a glória de Deus, manifestando-se por ela a glória do Filho de Deus.” Jesus era muito amigo de Marta, da sua irmã e de Lázaro.
- Rm 8,8-11
- Jo 11,1-45

Então, Jesus disse-lhes claramente: “Lázaro morreu; e Eu, por amor de vós, estou contente por não ter estado lá, para assim poderdes crer. Mas vamos ter com ele.”

Logo que Marta ouviu dizer que Jesus estava a chegar, saiu a recebê-lo, enquanto Maria ficou sentada em casa. Marta disse, então, a Jesus: “Senhor, se Tu cá estivesses, o meu irmão não teria morrido. Mas, ainda agora, eu sei que tudo o que pedires a Deus, Ele to concederá.” Disse-lhe Jesus: “Teu irmão ressuscitará.” Marta respondeu-lhe: “Eu sei que ele há de ressuscitar na ressurreição do último dia.” Disse-lhe Jesus: “Eu sou a Ressurreição e a Vida. Quem crê em mim, mesmo que tenha morrido, viverá. E todo aquele que vive e crê em mim não morrerá para sempre. Crês nisto?” Ela respondeu-lhe: “Sim, ó Senhor; eu creio que Tu és o Cristo, o Filho de Deus que havia de vir ao mundo.” Dito isto, voltou a casa e foi chamar sua irmã, Maria, dizendo-lhe em voz baixa: “Está cá o Mestre e chama por ti.” Assim que ela ouviu isto, levantou-se rapidamente e foi ter com Ele.

Então Jesus começou a chorar. Diziam os judeus: “Vede como era seu amigo!”

Disse Jesus: “Tirai a pedra.” Marta, a irmã do defunto, disse-lhe: “Senhor, já cheira mal, pois já é o quarto dia.” Jesus replicou-lhe: “Eu não te disse que, se creres, verás a glória de Deus?” Quando tiraram a pedra, Jesus, erguendo os olhos ao céu, disse: “Pai, dou-Te graças por Me teres atendido. Eu já sabia que sempre Me atendes, mas Eu disse isto por causa da gente que me rodeia, para que venham a crer que Tu Me enviaste.” Dito isto, bradou com voz forte: “Lázaro, vem cá para fora!” O que estava morto saiu de mãos e pés atados com ligaduras e o rosto envolvido num sudário. Jesus disse-lhes: “Desligai-o e deixai-o andar.” Então, muitos dos judeus que tinham vindo a casa de Maria, ao verem o que Jesus fez, creram nele.»

(Jo 11, 3-5.14-15.20-29.35-36.39-45)



As leituras de hoje partem da tristeza, do desespero, do abandono, da morte: o povo de Israel no exílio, Lázaro doente... A morte representa, aqui, a incapacidade, a impotência, a falta de esperança.

Espero, sinceramente, que nunca tenha acontecido convosco, mas eu já me senti muitas vezes desesperado e sozinho no mundo, frente a um problema que, naquele momento, parecia inultrapassável. No trabalho (ou na sua falta), com os filhos adolescentes, numa zanga com a nossa cara-metade ou na doença grave de alguém próximo, a ansiedade toma conta de nós e não conseguimos ver a saída do buraco onde nos encontramos.

Marta e Maria fazem algo ao mesmo tempo grande e humilde: pedem ajuda! Mas quando estamos no fundo do poço, a quem podemos pedir ajuda? Em quem podemos confiar? É certo que Deus coloca pessoas preciosas no nosso caminho, que nos podem ajudar a “tirar a pedra”, que nos podem verdadeiramente devolver à vida. Ainda assim, nem sequer é justo colocarmos nos ombros da(o) nossa(o) companheira(o) ou do nosso melhor amigo tanta responsabilidade. Podemos e devemos procurar todos os técnicos que estiverem ao nosso alcance, sem vergonhas nem receios. Certamente que Marta e Maria o fizeram, mas vendo que não estava a ser suficiente face à gravidade da doença do seu irmão, chamaram Jesus. E fizeram-no ao mesmo tempo com fé e uma certa tibieza, como se tivessem vergonha de lhe pedir ajuda. É isso que esta leitura nos ensina: a pedir ajuda, a nossa cura, a nossa vida, a Jesus.

A resposta de Jesus à nossa falta de fé ou excesso de “cerimónia” é fortíssima: *«Eu sou a Ressurreição e a Vida. Quem crê em mim, mesmo que tenha morrido, viverá. E todo aquele que vive e crê em mim não morrerá para sempre.»* (Jo 11, 25-26). Dificilmente poderia

ser mais claro e direto: se acreditarmos, se confiarmos, voltaremos à vida. E será essa a manifestação da Glória de Deus!

Depois há aqueles detalhes deliciosos: Marta que vai chamar a irmã dizendo-lhe meia-verdade, que o Mestre a chamava... Maria que logo se levanta apressadamente, com a mesma urgência que já tínhamos visto à Mãe de Jesus (Lc 1, 39), para ir ter com Ele e cair a seus pés, como tinha feito antes (Jo 11, 2). E Jesus que chora, sofre conosco, como qualquer amigo, como um irmão.

Sempre tinha interpretado esta leitura como uma manifestação da filiação divina de Jesus, para que, tal como os judeus, acreditássemos em Jesus «*o Cristo, o Filho de Deus que havia de vir ao mundo*» (Jo 11, 27). Hoje, no entanto, vejo um Jesus que veio para me dar vida, para me resgatar dos meus limites, das minhas impossibilidades, dos meus buracos. Para que eu escute a sua Palavra de Vida, uma vida abundante; para me chamar pelo nome, mandar desligar-me e deixar-me caminhar.



*Faço questão de viver
Como a minha alma me pede
Minhas medidas na vida
Não é o mundo que mede.
Já fui ao fundo do poço
Para ver que o poço tem fim
Tirei a corda do pescoço e fiz um laço pra mim.
Com esse laço lancei uma paixão que voava
Me apaixonei pela vida e pelo que ela me dava
Então voei, viajei
Pus o mundo na minha sola
E é giro como eu giro o mundo
A cada passo enquanto a vida rola
Rola, rola a bola rumo à meta
Transpiro sou um atleta
Inspiro sou um poeta
E sou tudo o que eu quero ser
Não paro porque a vida é feito
Andar de bicicleta
E respirar não é preciso
É preciso viver*

(Gabriel o Pensador e D.A.M.A. in “Não Faço Questão”)

parte II **Semana Santa e Páscoa**

“Só Deus basta!...”

- Mt 21,1-11 «Quando se aproximaram de Jerusalém e chegaram a Betfagé, ao monte das Oliveiras,
Is 50,4-7 Jesus enviou dois discípulos, dizendo-lhes: “Vão ao povoado que está adiante de vocês;
Sl 21 (22) logo encontrarão uma jumenta amarrada, com um jumentinho ao lado”. (...) Os discípulos
Fl 2,6-11 foram e fizeram o que Jesus tinha ordenado. Trouxeram a jumenta e o jumentinho,
Mt 26,14–27,66 colocaram sobre eles os seus mantos, e sobre estes Jesus montou.

Uma grande multidão estendeu seus mantos pelo caminho, outros cortavam ramos de árvores e os espalhavam pelo caminho. A multidão que ia adiante dele e os que o seguiam gritavam:

“Hosana ao Filho de Davi! Bendito é o que vem em nome do Senhor! Hosana nas alturas!”

Quando Jesus entrou em Jerusalém, toda a cidade ficou agitada e perguntava: “Quem é este?”

A multidão respondia: “Este é Jesus, o profeta de Nazaré da Galileia”.»

(Mt 21, 1-11)

«Entretanto, Jesus com os seus discípulos chegou a um lugar chamado Getsémani e disse-lhes: “Sentai-vos aqui, enquanto Eu vou além orar.” E, levando consigo Pedro e os dois filhos de Zebedeu, começou a entristecer-se e a angustiar-se. Disse-lhes, então: “A minha alma está numa tristeza de morte; ficai aqui e vigiai comigo.”

E, adiantando-se um pouco mais, caiu com a face por terra, orando e dizendo: “Meu Pai, se é possível, afaste-se de mim este cálice. No entanto, não seja como Eu quero, mas como Tu queres.”

Voltando para junto dos discípulos, encontrou-os a dormir e disse a Pedro: “Nem sequer pudeste vigiar uma hora comigo! Vigiai e orai, para não cairdes em tentação. O espírito está pronto, mas a carne é débil.” Afastou-se, pela segunda vez, e foi orar, dizendo: “Meu Pai, se este cálice não pode passar sem que Eu o beba, façase a tua vontade!” Depois voltou e encontrou-os novamente a dormir, pois os seus olhos estavam pesados.

Deixou-os e foi orar de novo pela terceira vez, repetindo as mesmas palavras. Reunindo-se finalmente aos discípulos, disse-lhes: “Continuai a dormir e a descansar! Já se aproxima a hora, e o Filho do Homem vai ser entregue nas mãos dos pecadores. Levantai-vos, vamos! Já se aproxima aquele que me vai entregar.” (...)

E houve trevas sobre toda a terra, do meio-dia às três horas da tarde.»

(Mt 26 e 27)

Neste dia de Domingo de Ramos, ouvimos e rezamos dois excertos do Evangelho: um no início da Eucaristia e outro no momento habitual. O primeiro fala-nos de reconhecimento, festa e glória (a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém) para, logo a seguir, nos depararmos com traição, sofrimento e morte...

Estes aspetos contraditórios da história de Jesus fazem-nos situar na realidade da vida humana, que não é linear, tem altos e baixos, curvas e contracurvas, está cheia de contradições... Temos a experiência de que a vida é boa (muito boa mesmo!), mas difícil (e por vezes muito difícil!). Por vivência própria, de alguém próximo de nós ou por “ouvirmos falar”, também sabemos que há histórias de vida muito duras e outras aparentemente mais “fáceis”.

Seja qual for a situação em que nos encontramos, temos uma certeza: NÃO ESTAMOS SÓS... pois Jesus – Deus feito Homem – cujo nome significa “Deus salva”, passou por tudo: *“Jesus Cristo, de condição divina (...) aparecendo como homem, humilhou-Se ainda mais, obedecendo até à morte e morte de cruz. Por isso Deus o exaltou e Lhe deu o Nome que está acima de todos os nomes”* (Fl 2).

Uma das coisas que mais me tocou nesta Quaresma foi aprofundar que, ainda que tenhamos a sorte de ter uma rede afetiva familiar / comunitária, há momentos da nossa vida em que experimentamos que ninguém pode viver a nossa realidade por nós, que ninguém pode preencher a nossa questão existencial, que não podemos viver baseados naquilo que os outros à nossa volta nos transmitem (de positivo ou negativo) ou nos influenciam...

Apenas Deus... E Jesus experimentou isso na pele! *“Mas Vós, Senhor, não Vos afasteis de mim: Sois a minha força (...)”* (Sl 21). Antes de sofrer a sua paixão e morte, Jesus pede aos discípulos para ficarem perto dele, mas, mesmo assim, eles não conseguem

acompanhá-Lo... O único consolo vem do Pai, do Amor de Deus que nunca nos abandona, mesmo que seja difícil, mesmo que nos sintamos sós...

Jesus, colocas toda a Tua vida, a Tua essência, a Tua pessoa física e psicológica, nas mãos de Deus Pai. Ajuda-me a fazê-lo também, em cada dia! Ajuda-me a não colocar as minhas expectativas nas minhas forças, capacidades, e muito menos nas dos outros... A não exigir que o(s) outro(s) me dê respostas, me console, “resolva” a minha vida.

Se nos abrimos a Deus, só Ele é capaz de o fazer, só assim o poderemos fazer juntos!

E, no princípio e no fim, nos bons e maus momentos, nos grandes e pequenos acontecimentos, nas pequenas e grandes opções, em todos os momentos da vida, sempre, sempre, só Deus basta!



*Eu pedi forças
e Deus me deu-me dificuldades para me fazer mais forte.*

*Eu pedi sabedoria
e Deus deu-me problemas para resolver.*

*Eu pedi prosperidade
e Deus deu-me cérebro e músculos para trabalhar.*

*Eu pedi coragem
e Deus deu-me obstáculos para superar.*

*Eu pedi amor
e Deus deu-me pessoas com problemas para ajudar.*

*Eu pedi favores
e Deus deu-me oportunidades.
Eu não recebi nada do que pedi,
mas recebi tudo o que precisava...*

(autor desconhecido)

O fruto abundante de uma Ceia

- Ex 12,1-8.11-14 «Com efeito, eu recebi do Senhor o que também vos transmiti: o Senhor Jesus na noite em que era entregue, tomou pão e, tendo dado graças, partiu-o e disse: “Isto é o meu corpo, que é para vós; fazei isto em memória de mim”.
- Sl 115 (116)
- 1 Cor 11,23-26 Do mesmo modo, depois da ceia, tomou o cálice e disse: “Este cálice é a nova Aliança no meu sangue; fazei isto sempre que o beberdes, em memória de mim”.»
- Jo 13,1-15

(1 Cor 11, 23-25)



«Antes da festa da Páscoa, Jesus, sabendo bem que tinha chegado a sua hora da passagem deste mundo para o Pai, Ele, que amara os seus que estavam no mundo, levou o seu amor por eles até ao extremo.»

(Jo 13, 1)



Desde sempre, ou desde há muito tempo, sei que, numa noite de festa importante para o povo judeu, Jesus teve um gesto de amor inexplicável para a mente humana. Ainda que, como disse anteriormente, seja algo que sei, não deixa de me surpreender.

Podemos fazer uma composição de lugar (como aconselha Santo Inácio nos Retiros Espirituais). Os 12 apóstolos e Jesus, à volta de uma mesa em festa, estão contentes, estão de celebração, têm tudo para cumprir com os rituais religiosos, não estão à espera de nada mais, mas nós agora sabemos a densidade e a profundidade do que vai acontecer.

Jesus observa, sente por dentro certa preocupação, tem ouvido coisas, tem encontrado olhares desafiantes, há certos burburinhos nos ambientes religiosos e nas suas estruturas hierárquicas, sente que a Sua verdade molesta, não há de demorar muito que a realidade se converta em dificuldade e perseguição.

Poderá isto significar que tudo o que foi conseguido, todo o esforço vivido termine sem mais? Terão os 12 (doze) coragem para continuar? Terão coragem ou medo? Continuarão a missão, ou regressarão à sua vida de sempre?

Não é por Ele que está assustado, é por aqueles, os seus amigos que, esses sim, sem Ele ficarão indefesos e vulneráveis.

Com a coragem e determinação que Lhe advém do facto de saber que veio para cumprir a vontade do Pai, deseja que todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade (Jo 6,38), e fica determinado a levar a Sua missão até ao extremo, e o Seu gesto ultrapassa qualquer possibilidade de compreensão a partir da nossa perspetiva humana à luz da qual é verdadeiramente inimaginável.

Foi muito arriscado fazer-Se um de nós, fazer-Se criança, mas... fazer-Se coisa! Fazer-se pão! Essa foi a Sua opção para não deixar sós nem os apóstolos nem nós.

Grande loucura de amor, e mais: atreve-Se a convidar-nos a fazer o mesmo.

Gosto especialmente das Vigílias de oração, como aquela da primeira Páscoa na qual nos sentamos todos à volta de uma mesa comprida, decorada como na última ceia e com a presença de Jesus na Eucaristia no meio de todos nós. É como um momento mágico, de grande beleza, mas, acima de tudo, de grande profundidade uma profunda realidade que nos convida a fazer o mesmo.

No Pão Consagrado, Jesus não só Se faz presente, também alimenta, Se entrega, Se parte e reparte, Se põe nas nossas mãos, Se faz força, e nos grita: não adores, apenas – imita-Me! Faz tu o mesmo pelos outros.

Sê Eucaristia e conforto para muitos, sê aconchego para os que estão sós, caminho para os que vão sem rumo, porto seguro para os desorientados, calor para a frieza da vida de alguns, paz para os que vivem na luta, conforto para os débeis, irmão para os marginalizados, solidariedade para os injustiçados, sê pão de vida para os famintos e água fresca para os sedentos, sê esperança para os que vivem cheios de angústias, sê comunhão para os que enfrentam problemas, sê luz para os que vivem nas trevas, sê verdade na desonestidade, e sê vida abundante. SÊ EUCARISTIA, porque é tudo isto que contém esse pedacinho de Pão que é Jesus.

A Eucaristia fortalece-nos e faz-nos dar frutos

"Celebramos a Eucaristia para nos nutrirmos de Cristo, que doa a si mesmo quer na Palavra como no Sacramento do altar, para conformar-nos a Ele", disse o Santo Padre.

"O gesto de Jesus que deu aos seus discípulos o seu Corpo e o seu Sangue na última Ceia - explicou - continua ainda hoje pelo ministério do sacerdote e do diácono, ministros ordinários da distribuição aos irmãos do Pão da vida e do Cálice da salvação".

"Depois de ter partido o Pão consagrado, isto é, o Corpo de Jesus, o sacerdote o mostra aos fiéis, convidando-os a participar do banquete eucarístico", dizendo as palavras "Felizes os convidados para a Ceia do Senhor: eis o Cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo".

Este convite inspirado numa passagem do Apocalipse – recordou o Santo Padre – chama-nos a "experimentar a íntima união com Cristo, fonte de alegria e de santidade".

"É um convite que alegra e ao mesmo tempo impele a um exame de consciência iluminado pela fé. Se por um lado, de facto, vemos a distância que nos separa da santidade de Cristo, por outro acreditamos que o seu Sangue é «derramado pela remissão dos pecados». Todos nós fomos perdoados no batismo e todos nós somos e seremos perdoados cada vez que nos aproximarmos do Sacramento da Penitência. E não esqueçam, Jesus perdoo sempre. Jesus não se cansa de perdoar, somos nós que nos cansamos de pedir perdão".

"Se somos nós a mover-nos em procissão para fazer a Comunhão, vamos em direção ao altar em procissão para fazer a comunhão. Na realidade é Cristo que vem em nosso encontro para nos assemelharmos a Ele. Há um encontro com Jesus! Nutrir-se da Eucaristia significa deixar-se transformar enquanto recebemos".

"Cada vez que comungamos, mais nos assemelhamos a Jesus, mais nos transformamos em Jesus."

"Como o pão e o vinho são convertidos no Corpo e Sangue do Senhor, assim aqueles que os recebem com fé, são transformados em Eucaristia viva."

"A Eucaristia nos torna fortes para dar frutos de boas obras para viver como cristãos".

"Aproximemo-nos da Eucaristia: receber Jesus nos transforma n'Ele, nos faz mais fortes. É tão bom e tão grande o Senhor!"

(Catequese do Papa Francisco)

“Humilhou-se voluntariamente e não abriu a boca”

Is 52,13–53,12 «Desprezado e repellido pelos homens, homem de dores, acostumado ao sofrimento, era como aquele de quem se desvia o rosto, pessoa desprezível e sem valor para nós. Ele suportou as nossas enfermidades e tomou sobre si as nossas dores. Mas nós víamos nele um homem castigado, ferido por Deus e humilhado. Ele foi trespassado por causa das nossas culpas e esmagado por causa das nossas iniquidades. Caiu sobre ele o castigo que nos salva: pelas suas chagas fomos curados. Todos nós, como ovelhas, andávamos errantes, cada qual seguia o seu caminho. E o Senhor fez cair sobre ele as faltas de todos nós. Maltratado, humilhou-se voluntariamente e não abriu a boca. Como cordeiro levado ao matadouro, como ovelha muda ante aqueles que a tosquiavam, ele não abriu a boca. Foi eliminado por sentença iníqua, mas quem se preocupa com a sua sorte? Foi arrancado da terra dos vivos e ferido de morte pelos pecados do seu povo. Foi-lhe dada sepultura entre os ímpios e um túmulo no meio de malfeitores, embora não tivesse cometido injustiça, nem se tivesse encontrado mentira na sua boca. Aproveu ao Senhor esmagar o seu servo pelo sofrimento. Mas se oferecer a sua vida como sacrifício de expiação, terá uma descendência duradoira, viverá longos dias e a obra do Senhor prosperará em suas mãos.»
(Is 52, 13 – 53, 12)



fragilidade de Jesus, o Seu sofrimento e humilhação, transformam-se em exaltação nesta Sexta-feira Santa. A paixão de Cristo não pode ser rezada por si, como um acontecimento isolado, mas à luz de toda uma vida que começa nos profetas e termina na ressurreição. O Deus feito homem encarna e nasce na simplicidade, em contexto de humildade e privação. É tentado no deserto e, em momento algum, rejeita o sofrimento ou procura o caminho mais fácil. Satanás apresenta-lhe a possibilidade de não ter fome, de se atirar do abismo e de ser miraculado na presença de massas, no fundo de ser rei neste mundo. Jesus opta pela fragilidade, pela palavra que alimenta em detrimento de grandes manifestações sobrenaturais. Afasta-se das multidões e procura os lugares recônditos, os samaritanos, os proscritos, a prostituta, o ladrão, o deficiente, os humilhados desta vida. Cada passo da via sacra, cada estação, é uma exaltação da humildade, de um sacrifício que dá frutos. A condição divina de Jesus que não é uma oposição à vida quotidiana mas, pelo contrário, parte integrante de Deus encarnado.

Porque o quotidiano está cheio de quedas, sofrimentos, chagas e humilhações. É nestes momentos de maior desalento que mais sinto a presença viva de Jesus em mim, um alento inexplicável que brota do nada, um consolo, um refúgio de paz e oração. Porque Deus é consolo, mas também ímpeto que nos compele a consolar, a sermos as Suas mãos e a nos humilharmos também. E, tal como Ele, é nesta busca voluntária pelo caminho mais difícil que nos tornamos vida para os outros, que nos realizamos por imitação a Jesus.

“A fragilidade é, na realidade, a nossa verdadeira riqueza: somos ricos de fragilidade, todos; a verdadeira riqueza, que devemos aprender a respeitar e a aceitar, pois quando é oferecida a Deus, torna-nos capazes de ternura, de misericórdia e de amor. Ai daquelas pessoas que não se sentem frágeis: são duras, ditatoriais. Mas, as pessoas que com humildade reconhecem as próprias fragilidades são mais compreensivas com os outros. A fragilidade — posso dizer — torna-nos humanos. Não é por acaso que a primeira das três tentações de Jesus no deserto — ligada à fome — procura roubar-nos a fragilidade, apresentando-a como um mal do qual nos livrar, um impedimento a ser como Deus. Ao contrário, é o nosso tesouro mais precioso: com efeito, para nos tornarmos semelhantes a Ele, Deus quis partilhar até ao fim precisamente a nossa fragilidade. Olhemos para o Crucificado: Deus que desceu até à fragilidade. Olhemos para o presépio que chega numa fragilidade humana grande. Ele partilhou a nossa fragilidade.”

(Para Francisco in
Catequeses sobre o discernimento, 5 de janeiro de 2023)



Vida Nova

- Gn 1, 1.26-31a «As mulheres partiram depressa do sepulcro. Estavam com medo, mas correram com grande alegria, para dar a notícia aos discípulos.
- Sl 103 (104)
- Ex 14,15–15,1 De repente, Jesus foi ao encontro delas, e disse:
- Is 54,5-14 “Alegrai-vos!” As mulheres aproximaram-se, e prostraram-se diante de Jesus, abraçando seus pés.
- Br 3,9-15.32–4,4 Jesus disse-lhes: “Não tenhais medo. Ide anunciar aos meus irmãos que se dirijam para a Galileia.
- Ez 36,16-17a.18-28 Lá eles me verão”.»
- Rm 6,3-11 (Mt 28, 8-10)
- Mt 28,1-10

“**J**esus foi um revolucionário!” Tantas vezes me lembro destas palavras ouvidas num encontro (ou retiro de silêncio?) em Vale de Lobos, ditas à noite, já na cama, por uma amiga.

Continua a espantar-me como Jesus nos trocou (e continua a trocar) as voltas. Quem foram as primeiras pessoas escolhidas para receber a notícia da Ressurreição e do “envio”? “*Maria Madalena e a outra Maria*”, duas mulheres, numa sociedade em que as mulheres não contavam, Jesus pôs em primeira mão a grande notícia e a missão de evangelização nas mãos de duas mulheres.

Não podemos ficar indiferentes a este Homem que nos trouxe a Boa Nova, dando a sua Vida até ao fim; e, sendo Deus, ressuscitou para continuar para sempre entre nós. Jesus está vivo entre nós! Será que me lembro disto no meu dia-a-dia? Na minha sala de trabalho, no hospital onde trabalho, tenho fotos do meu marido e dos meus filhos, gosto de me lembrar deles durante o dia. E de Jesus, por que não tenho? Recentemente, no meu grupo semanal de oração, falámos de termos alguma imagem, algum objeto que nos faça recordar do essencial no nosso dia-a-dia, há quem tenha um anjo, um presépio, uma cruz.

Escrevo estas pistas no dia em que a *Verbum Dei* faz 60 anos. Na Vigília, em que participámos *online*, relembámos o nosso fundador, Jaime Bonet, e após a vigília comentávamos quem nos marcou nesta caminhada, nesta comunidade, quem nos chamou. A mim, quem mais me marcou foi Jesus, mais do que qualquer Santo, qualquer fundador da maior ordem monástica que exista.

Jesus deve ser quem nos guia e nos marca o coração. Jesus fala através da nossa família, através das missionárias, de padres, de amigos. Estamos atentos para o ouvir?

A novidade pode assustar-nos: as mulheres ficaram assustadas ao ver o sepulcro vazio. Mas Jesus, mais uma vez, diz-lhes “*não tenhais medo. Ide anunciar*”.

Como podemos guardar só para nós o que vemos ser tão bom e extraordinário? Não é fácil anunciar. Aquilo que parece tão claro e óbvio para mim, não o é para os outros. Para mim, parece-me tão óbvio que tenho de fazer algum exercício físico, mas a minha colega de gabinete diz-me “não tenho tempo para isso”.

Temos sempre tempo para o que nos parece essencial.

Obrigada, Pai, por te fazeres Homem e ficares para sempre entre nós.



O Senhor ressuscitou, vencendo a morte na cruz. Nossa esperança está n'Ele, Ele é o nosso Salvador. Atrás ficou o temor, a dúvida e a pouca fé. Tornemos realidade um Reino novo de Amor.

Somos testemunhas da Ressurreição Ele está aqui, está presente, é vida e é verdade. Somos testemunhas da Ressurreição. Ele está aqui, Seu espírito nos move para amar.

Tu nos reúnes, Senhor, em torno do vinho e do pão, e nos convidas a ser a luz do mundo e o sal. Onde houver ódio e dor faremos surgir a Tua paz. Em cada gesto de amor, Maria, Mãe, estarás.

“Viu e acreditou”

At 10,34a.37-43 «No primeiro dia da semana, Maria Madalena foi de manhãzinha, ainda escuro, ao sepulcro e viu a pedra retirada do sepulcro. Correu então e foi ter com Simão Pedro e com o discípulo predileto de Jesus e disse-lhes: “Levaram o Senhor do sepulcro, e não sabemos onde O puseram”. Pedro partiu com o outro discípulo e foram ambos ao sepulcro. Corriam os dois juntos, mas o outro discípulo antecipou-se, correndo mais depressa do que Pedro, e chegou primeiro ao sepulcro. Debruçando-se, viu as ligaduras no chão, mas não entrou. Entretanto, chegou também Simão Pedro, que o seguira. Entrou no sepulcro e viu as ligaduras no chão e o sudário que tinha estado sobre a cabeça de Jesus, não com as ligaduras, mas enrolado à parte. Entrou também o outro discípulo que chegou primeiro ao sepulcro: **viu e acreditou**. Na verdade, ainda não tinham entendido a Escritura, segundo a qual Jesus devia ressuscitar dos mortos.»
(Jo 20, 1-9)



Jesus ressuscitou! Aleluia! Aleluia! Chegámos ao dia em que celebramos a base da nossa fé! Jesus vive!

O percurso de Jesus e dos discípulos ao longo deste Tríduo mostramos como, à semelhança da nossa vida, os acontecimentos parecem sobrepor-se (e até mesmo apagar) o que vivemos, construímos, acreditámos; e hoje somos chamados a contemplar o que ainda não entendemos.

Foquemo-nos no espaço e no tempo deste relato: *“no primeiro dia da semana”, “de manhãzinha”, “ainda escuro”*. Começa um tempo novo! É o primeiro dia! Há um antes e um depois, marcados por esta passagem da morte para a vida. Nada fica igual!

- > Quantas vezes celebramos o primeiro dia do ano, o dia do nosso aniversário, o dia do batizado ou do casamento? Mas também, quantos primeiros dias tivemos que foram um marco na nossa vida, por termos perdido alguém, ou por termos sido visitados pela doença, pelo desemprego, pela solidão, pela guerra, pela pandemia? Somos conscientes destes marcos importantes na nossa história pessoal, na história do mundo?

Este dia de Páscoa pode hoje ser, como foi para os discípulos, o dia da viragem, da passagem, a oportunidade de vermos e acreditarmos; de mudarmos a leitura da nossa história; de darmos graças pela fé e pelo encontro com Jesus!

Era madrugada e ainda estava escuro, mas Maria Madalena foi ao sepulcro.

- > Que sentiria no coração, naquele momento em que tudo parecia ter terminado? Pergunto-me se não seria a vontade de estar próxima do seu Senhor, em quem tinha posto toda a sua confiança.

Há muitos dias escuros, muitas madrugadas, que apenas encontram resposta e consolo em Jesus. Mesmo sem saber o que procuramos ou o que vamos encontrar, só Nele descansamos.

Atento-me na dinâmica deste grupo: correram e viram. Tinham pressa de chegar, de ver, de procurar respostas, de entender.

-> E eu corro atrás de quem? Para ver o quê? O que me põe a caminho, a ânsia de me encontrar com Jesus ressuscitado ou a sede de ter, a sede do prazer e do poder?

É preciso retirarmos a pedra que tapa o nosso coração, tal como a que tapava o sepulcro, e atrevermo-nos a espreitar e a entrar, acompanhados por Jesus. Não tenhamos medo! Ele está connosco e ajudar-nos-á a remover gentilmente cada pano que nos tapa e nos prende.

Cada um correu com um objetivo e cada um viu o mesmo cenário, mas com olhos e interpretações diferentes. Um com desconfiança, outro com espanto e outro com fé. Maria vê e sai a avisar, João inclina-se para observar e Pedro entra. Deus fala à vida de cada um em particular.

-> Com qual deles eu me identifico?

João viu e acreditou! A leitura dos acontecimentos, à luz da relação pessoal e afetiva com Jesus, torna-se clara e revela-nos a presença de Deus. Perante a ausência, uns podem ver apenas o vazio, outros uma violência, ou meramente a escuridão. Assim é na nossa vida: perante a guerra, podemos enveredar por dizer que Deus não está, que abandonou este ou aquele povo; perante a doença, podemos questionar o amor de Deus por nós e vitimizarmo-nos; perante o desemprego podemos culpar os outros e Deus... E tantas outras leituras erradas que temos da nossa vida.

Este ver e acreditar de João, é fruto da relação íntima, de confiança, de amizade, com Jesus. Os factos não mudam, mas João é capaz de ver - na ausência do corpo no sepulcro - a presença de Jesus vivo e ressuscitado. Foi capaz de ler os sinais a partir daquilo que tinha sido prometido, do que viveu com Jesus até àquele primeiro dia da semana, e a partir das Escrituras. Que beleza e graça residem neste desencontro: porque não viu Jesus no sepulcro, acreditou que o Pai tinha cumprido a Sua promessa e O tinha ressuscitado. Em tudo semelhante à nossa experiência de fé: pela graça do encontro com Jesus, podemos acreditar sem nunca O termos visto.

-> Como leio eu os acontecimentos à minha volta, na minha vida? Que critérios tenho subjacentes? Agradeço a presença de Deus no meu dia a dia? Os dias “normais” que tenho? A gratuidade do que me é dado?

Hoje começamos um tempo novo, hoje é-nos dada a oportunidade de ler a nossa vida, a história do mundo, à luz da presença de Cristo ressuscitado, que, ao não estar no sepulcro, passou a estar presente, para sempre, na vida de todos e cada um de nós. A promessa do Pai cumpriu-se em Jesus, e pode hoje cumprir-se para nós. Seja qual for o estado em que nos encontramos, Cristo ressuscitou, a morte foi vencida!



“O encontro de fé não é igual para todos, nem em todos os corações acontece ao mesmo tempo. Há estações diferentes, percursos demorados e perguntas para as quais não temos resposta. (...) A fé é uma travessia que se faz a tatear, como se vissemos o invisível, mas sem o reter ou possuir. Por isso, já a raiz verbal hebraica da qual provém o termo «fé» estabelece um nexo entre crer e confiar. (...) A fé é mais confiança que evidência, é mais um arriscar do que um possuir, é mais um caminho do que a confortável instalação num ponto de chegada.”

(em “Uma beleza que nos pertence”,
José Tolentino Mendonçai)

parte III textos da Igreja

Introdução

Este Caderno está marcado pela gratidão: pela gratidão de vidas que nos marcaram, de uma história vivida, de caminhos percorridos, de celebrações e de projetos, de sonhos desde há muito acalentados e em breve tornados realidade.

O Papa Emérito Bento XVI partiu para o Céu no último dia de 2022 e nós ficámos com o coração agradecido por tantos anos de serviço à Igreja e à Teologia; deixou-nos belíssimos textos com ensinamentos e a memória de um pontificado corajoso face às situações difíceis que foram surgindo. E deixou-nos também aquele gesto de enorme humildade e de união com Deus, ao resignar do cargo e ao afastar-se dos olhares públicos, para se dedicar a uma vida de oração e contemplação.

Trazemos, para recordar, algumas das palavras que nos deixou aquando da sua visita a Portugal em 2010.

O Dia Mundial da Paz deste ano é o primeiro desde o início da guerra na Ucrânia; por isso, as palavras do Papa calam fundo em nós e desafiam-nos a “deixarmos mudar o coração”. Por essa razão achámos importante transcrever uns excertos da Mensagem do Papa para esse dia.

Na nossa gratidão entram também os 60 anos da Verbum Dei, devidamente celebrados em Portugal e noutros países onde a Família Missionária está presente. A comunidade de Lisboa assinalou a data com uma Eucaristia seguida de um convívio; um dos participantes deixa-nos o seu testemunho.

Entretanto, prepara-se mais uma edição da iniciativa “3 Milhões de Nós”, que terá lugar em março próximo. É também motivo de gratidão, por tanta gente envolvida, pelos voluntários que se empenham na organização, pelas reflexões e ideias novas que há de trazer.

E, finalmente, as Jornadas Mundiais da Juventude, que irão acontecer em Lisboa em agosto, encham-nos de esperança, de sonho e, mais uma vez, de gratidão: será uma ocasião única de celebração da fé, de alegria e de encontro de cerca de um milhão de jovens do mundo inteiro. Como refere o site das JMJ, “É, simultaneamente, uma peregrinação, uma festa da juventude, uma expressão da Igreja universal e um momento forte de evangelização do mundo juvenil”.

Vivamos, agradecidos, cada uma destas circunstâncias.



PAPA BENTO XVI VIAGEM APOSTÓLICA A PORTUGAL (II-14 DE MAIO DE 2010)

HOMILIAS

Terreiro do Paço, Lisboa

11 de maio de 2010

«Ide fazer discípulos de todas as nações, [...] ensinai-lhes a cumprir tudo quanto vos mandei. E Eu estou sempre convosco, até ao fim dos tempos» (Mt 28, 20).

Estas palavras de Cristo ressuscitado revestem-se de um significado particular nesta cidade de Lisboa, donde partiram em grande número gerações e gerações de cristãos – bispos, sacerdotes, consagrados e leigos, homens e mulheres, jovens e menos jovens –, obedecendo ao apelo do Senhor e armados simplesmente com esta certeza que lhes deixou: *«Eu estou sempre convosco»*.

Glorioso é o lugar conquistado por Portugal entre as nações pelo serviço prestado à dilatação da fé: nas cinco partes do mundo, há Igrejas locais que tiveram origem na missionação portuguesa.

(...)

Cristo está sempre connosco e caminha sempre com a sua Igreja, acompanha-a e guarda-a, como Ele nos disse: *«Eu estou sempre convosco, até ao fim dos tempos» (Mt 28, 20)*. Nunca duvideis da sua presença!

Procurai sempre o Senhor Jesus, cresci na amizade com Ele, comungai-O. Aprendei a ouvir e a conhecer a sua palavra e também a reconhecê-Lo nos pobres. Vivei a vossa vida com alegria e entusiasmo, certos da sua presença e da sua amizade gratuita, generosa, fiel até à morte de cruz. Testemunhai a alegria desta sua presença forte e suave a todos, a começar pelos da vossa idade. Dizei-lhes que é belo ser amigo de Jesus e que vale a pena segui-Lo.

Com o vosso entusiasmo, mostrai que, entre tantos modos de viver

64 que hoje o mundo parece oferecer-nos – todos aparentemente do

mesmo nível –, só seguindo Jesus é que se encontra o verdadeiro sentido da vida e, conseqüentemente, a alegria verdadeira e duradoura.

Buscai diariamente a protecção de Maria, a Mãe do Senhor e espelho de toda a santidade. Ela, a Toda Santa, ajudar-vos-á a ser fiéis discípulos do seu Filho Jesus Cristo.



Santuário de Fátima **13 de maio de 2010**

(...)

O Senhor, a nossa grande esperança, está connosco; no seu amor misericordioso, oferece um futuro ao seu povo: um futuro de comunhão consigo. Tendo experimentado a misericórdia e consolação de Deus que não o abandonara no fatigante caminho do regresso do exílio de Babilónia, o povo de Deus exclama: «*Exulto de alegria no Senhor, a minha alma rejubila no meu Deus*» (Is 61, 10).

Filha deste povo é a Virgem Mãe de Nazaré, a qual, revestida de graça e docemente surpreendida com a gestação de Deus que se estava operando no seu seio, faz igualmente sua esta alegria e esta esperança no cântico do Magnificat: «*O meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador*». Entretanto não se vê como privilegiada no meio de um povo estéril, antes profetiza-lhe as doces alegrias duma prodigiosa maternidade de Deus, porque «*a sua misericórdia se estende de geração em geração sobre aqueles que O temem*» (Lc 1, 47.50).

Prova disto mesmo é este lugar bendito.

Mais sete anos e voltareis aqui para celebrar o centenário da primeira visita feita pela Senhora «vinda do Céu», como Mestra que introduz os pequenos videntes no conhecimento íntimo do Amor Trinitário e os leva a saborear o próprio Deus como o mais belo da existência humana. (...)

Despedida em Português:

Queridos peregrinos de língua portuguesa, sob o olhar materno de Nossa Senhora de Fátima, saúdo a todos vós que aqui viestes dos vários países lusófonos à procura de conforto e de esperança. Dando-nos Jesus, Maria é a verdadeira fonte da esperança. A Ela vos entrego e acompanho com a minha Bênção.



Avenida dos Aliados, Porto
14 de maio de 2010

(...)

O cristão é, na Igreja e com a Igreja, um missionário de Cristo enviado ao mundo. Esta é a missão inadiável de cada comunidade eclesial: receber de Deus e oferecer ao mundo Cristo ressuscitado, para que todas as situações de definhamento e morte se

transformem, pelo Espírito, em ocasiões de crescimento e vida. Para isso, em cada celebração eucarística, ouviremos mais atentamente a Palavra de Cristo e saborearemos assiduamente o Pão da sua presença. Isto fará de nós testemunhas e, mais ainda, portadores de Jesus ressuscitado no mundo, levando-O para os diversos sectores da sociedade e quantos neles vivem e trabalham, irradiando aquela «vida em abundância» (Jo, 10, 10) que Ele nos ganhou com a sua cruz e ressurreição e que sacia os mais legítimos anseios do coração humano. (...)

Queridos irmãos e amigos do Porto, levantai os olhos para Aquela que escolhestes como padroeira da cidade, Nossa Senhora de Vandoma. O Anjo da Anunciação saudou Maria como «cheia de graça», significando com esta expressão que o Seu coração e a Sua vida estavam totalmente abertos a Deus e, por isso, completamente invadidos pela Sua graça.

Que Ela vos ajude a fazer de vós mesmos um «sim» livre e pleno à graça de Deus, para poderdes ser renovados e renovar a Humanidade pela luz e a alegria do Espírito Santo.

DISCURSOS

Aeroporto da Portela, Lisboa

11 de maio de 2010

(...)

Logo aos alvares da nacionalidade, o povo português voltou-se para o Sucessor de Pedro esperando na sua arbitragem para ver reconhecida a própria existência como Nação; mais tarde, um meu Predecessor havia de honrar Portugal, na pessoa do seu Rei, com o título de fidelíssimo (cf. Pio II, Bula Dum tuam, 25/1/1460), por altos e continuados serviços à causa do Evangelho. Que depois, há 93 anos, o Céu se abraze precisamente sobre Portugal – como uma

janela de esperança que Deus abre quando o homem lhe fecha a porta – para reatar, no seio da família humana, os laços da solidariedade fraterna assente no mútuo reconhecimento de um só e mesmo Pai, trata-se de um amoroso desígnio de Deus; não dependeu do Papa nem de qualquer outra autoridade eclesial: «Não foi a Igreja que impôs Fátima – diria o Cardeal Manuel Cerejeira, de veneranda memória –, mas Fátima que se impôs à Igreja».

Veio do Céu a Virgem Maria para nos recordar verdades do Evangelho que são para a humanidade, fria de amor e desesperada de salvação, fonte de esperança. (...)

Queridos irmãos e amigos portugueses, agradeço-vos uma vez mais as calorosas boas-vindas.

Deus abençoe a quantos aqui se encontram e todos os habitantes desta nobre e dilecta Nação, que confio a Nossa Senhora de Fátima, imagem sublime do amor de Deus que a todos abraça como filhos.

Encontro com o mundo da Cultura Centro Cultural de Belém - Lisboa 12 de maio de 2010

Queridos amigos,
Sinto grande alegria em ver aqui reunido o conjunto multiforme da cultura portuguesa, que vós tão dignamente representais: mulheres e homens empenhados na pesquisa e edificação dos vários saberes. (...)



Convido-vos a aprofundar o conhecimento de Deus tal como Ele Se revelou em Jesus Cristo para a nossa total realização. Fazei coisas belas, mas sobretudo tornai as vossas vidas lugares de beleza. Interceda por vós Santa Maria de Belém, venerada há séculos pelos navegadores do oceano e hoje pelos navegantes do Bem, da Verdade e da Beleza.

**Encontro com as organizações da Pastoral Social
Igreja da SS.ma Trindade - Fátima
13 de maio de 2010**

(...)

«Vai e faz o mesmo»! O amor incondicionado de Jesus que nos curou há-de converter-se em amor entregue gratuita e generosamente, através da justiça e da caridade, para vivermos com um coração de bom samaritano.

É com grande alegria que me encontro convosco neste lugar bendito que Deus escolheu para recordar à humanidade, através de Nossa Senhora, os seus desígnios de amor misericordioso. Saúdo com grande amizade cada pessoa aqui presente e as entidades a que pertencem, na diversidade de rostos unidos na reflexão das questões sociais e sobretudo na prática da compaixão, voltada para os pobres, os doentes, os presos, os sós e desamparados, as pessoas com deficiência, as crianças e os idosos, os migrantes, os desempregados e os sujeitos a carências que lhes perturbam a dignidade de pessoas livres.

Tudo isto bem se enquadra na mensagem de Nossa Senhora que ressoa neste lugar: a penitência, a oração, o perdão que visa a conversão dos corações. Esta é a estrada para se construir a referida civilização do amor, cujas sementes Deus lançou no coração de todo o homem e que a fé em Cristo Salvador faz germinar.

MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO PARA O 56º DIA MUNDIAL DA PAZ DE JANEIRO DE 2023 NINGUÉM PODE SALVAR-SE SOZINHO.

«Quanto aos tempos e aos momentos, irmãos, não precisais que vos escreva. Com efeito, vós próprios sabeis perfeitamente que o Dia do Senhor chega de noite como um ladrão» (1 Ts 5, 1-2).

1. Com estas palavras, o apóstolo Paulo convidava a comunidade de Tessalónica a que, na expectativa do encontro com o Senhor, permanecesse firme, com os pés e o coração bem assentes na terra, capaz dum olhar atento sobre a realidade e os factos da história. Assim, embora apareçam tão trágicos os acontecimentos da nossa existência sentindo-nos impelidos para o túnel obscuro e difícil da injustiça e do sofrimento, somos chamados a manter o coração aberto à esperança, confiados em Deus que Se faz presente, nos acompanha com ternura, apoia os nossos esforços e sobretudo orienta o nosso caminho.

Por isso, São Paulo não cessa de exortar a comunidade a vigiar, procurando o bem, a justiça e a verdade: *«não durmamos (...) como os outros, mas vigiemos e sejamos sóbrios» (5, 6).*

É um convite a permanecer despertos, a não nos fechar no medo, na dor ou na resignação, não ceder à dissipação, nem desanimar, mas, pelo contrário, a ser como sentinelas capazes de vigiar vislumbrando as primeiras luzes da aurora, sobretudo nas horas mais escuras.

2. A Covid-19 precipitou-nos no coração da noite, desestabilizando a nossa vida quotidiana, transtornando os nossos planos e hábitos, subvertendo a aparente tranquilidade mesmo das sociedades mais privilegiadas, gerando desorientação e sofrimento, causando a morte de tantos irmãos e irmãs nossos. (...)

Raramente os indivíduos e a sociedade progredem em situações que geram tamanho sentimento de derrota e amargura: na realidade, o mesmo enfraquece os esforços empreendidos pela paz e provoca conflitos sociais, frustrações e violências de vários gêneros. Neste sentido, a pandemia parece ter transtornado inclusive as áreas mais pacíficas do nosso mundo, fazendo emergir inumeráveis fragilidades.

3. (...) O que é que aprendemos com esta situação de pandemia? Quais são os novos caminhos que deveremos empreender para romper com as correntes dos nossos velhos hábitos, estar melhor preparados, ousar a novidade? Que sinais de vida e esperança podemos particularizar para avançar e procurar tornar melhor o nosso mundo? (...)

4. Entretanto, quando já ousávamos esperar que estivesse superado o pior da noite da pandemia de Covid-19, eis que se abateu sobre a humanidade uma nova e terrível desgraça. Assistimos ao aparecimento doutro flagelo – uma nova guerra – comparável em parte à Covid-19 mas pilotado por opções humanas culpáveis.

A guerra na Ucrânia ceifa vítimas inocentes e espalha a incerteza, não só para quantos são diretamente afetados por ela, mas de forma generalizada e indiscriminada para todos, mesmo para aqueles que, a milhares de quilômetros de distância, sofrem os seus efeitos colaterais: basta pensar nos problemas do trigo e nos preços dos combustíveis.

Não era esta, sem dúvida, a estação pós-Covid que esperávamos ou por que ansiávamos.

Na realidade, esta guerra, juntamente com todos os outros conflitos espalhados pelo globo, representa uma derrota não apenas para as partes diretamente envolvidas mas também para a humanidade inteira. E enquanto para a Covid-19 se encontrou uma vacina, para a guerra ainda não se encontraram soluções adequadas. Com certeza, o vírus da guerra é mais difícil de derrotar

do que aqueles que atingem o organismo humano, porque o primeiro não provem de fora, mas do íntimo do coração humano, corrompido pelo pecado (cf. Mc 7, 17-24).

5. Enfim, o que se nos pede para fazer?

Antes de mais nada, deixarmos mudar o coração pela emergência que estivemos a viver, ou seja, permitir que, através deste momento histórico, Deus transforme os nossos critérios habituais de interpretação do mundo e da realidade. Não podemos continuar a pensar apenas em salvaguardar o espaço dos nossos interesses pessoais ou nacionais, mas devemos repensar-nos à luz do bem comum, com um sentido comunitário, como um «nós» aberto à fraternidade universal. (...).

Compartilho estas reflexões com a esperança de que, no novo ano, possamos caminhar juntos valorizando tudo o que a história nos pode ensinar.

Formulo votos de todo o bem aos



Chefes de Estado e de Governo, aos Responsáveis das Organizações Internacionais, aos líderes das várias religiões.

Desejo a todos os homens e mulheres de boa vontade que possam, como artesãos de paz, construir dia após dia um ano feliz!

Maria Imaculada, Mãe de Jesus e Rainha da Paz, interceda por nós e pelo mundo inteiro.

Vaticano, 8 de dezembro de 2022.

<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/20221208-messaggio-56giornatamondiale-pace2023.html>

A ALEGRIA DE SERMOS FAMÍLIA

Como qualquer família que se junta para celebrar os grandes momentos, também nós, Família Missionária Verbum Dei de Lisboa nos juntámos na tarde de 21 de Janeiro para celebrar o 60º aniversário.

Foi com a alegria de quem partilha um caminho e laços que nos fazem família, que começámos a tarde por conhecer melhor aqueles com quem não nos cruzamos com frequência, partilhando quem somos e o caminho percorrido na Verbum Dei.

Partindo do Puzzle construído com as palavras que cada grupo encontrou como reflexo da sua forma de ser Verbum Dei, deixámos que essas palavras nos escolhessem e nos desafiassem a caminhar.

Foi à volta da mesa da Eucaristia que a festa atingiu o seu ponto alto. Aí, com Jesus, foi o momento de recordar o caminho percorrido e de agradecer pela Verbum Dei, pelo Jaime Bonet, seu fundador, pelo Carisma, pela Comunidade e pela forma como tem contribuído para o caminhar de cada um de nós e de todos em conjunto.

Foi momento também para levar ao altar o puzzle com as palavras de todos os grupos, como forma de nos representar a todos e onde falta uma peça, a peça dos que não puderam estar e que quisemos fazer presentes.

E como não poderia faltar em qualquer festa de aniversário, terminámos a tarde com o bolo de aniversário complementado com o que cada um levou para partilhar, num grande lanche de alegria e convívio.

Foi com o coração cheio e cheios de força para o caminho que partimos, na certeza que seremos mais Apóstolos, vivendo o nosso carisma de forma ainda mais empenhada.



Congresso 3 Milhões de Nós

É com grande alegria que vimos partilhar o que temos sonhado para a 3ª edição do congresso 3 Milhões de Nós que ocorrerá no dia 4 de Março de 2023 na Aula Magna da reitoria da Universidade de Lisboa, desta vez com o tema 'Então e Agora?'.
Então e Agora? Vamos sobrevoar o nosso mundo com mudanças constantes e de enorme dimensão, o seu impacto nos jovens de hoje, e construir pistas de “como nos ligamos e onde pertencemos?”, “quem incluímos?” e “como escolhemos viver”? Numa era marcada por um ruído quase constante, vamos procurar com o 3 Milhões de Nós trazer uma luz a uma geração de jovens que tantas vezes sofre em silêncio pela falta de rumo, de esperança e de sentido, e com isso continuar a alimentar o sonho missionário de chegar a todos!

Nas edições anteriores, em 2018 'Ser jovem hoje', e 2021 'Está nas tuas mãos', esgotámos a Aula Magna com jovens participantes que



nos transmitiram testemunhos de entusiasmo e mobilização, o que nos deixou ainda mais comprometidos e investidos nesta causa: os Jovens Portugueses!

Através de testemunhos de especialistas, oradores de referência e dos próprios jovens, num formato de congresso muito interativo, partilharemos novas ideias e novos caminhos nas várias dimensões: vocacional, profissional, emocional, física e espiritual.

De uma forma totalmente inclusiva, numa Aula Magna onde todos têm lugar, queremos inspirar os nossos jovens a construir um futuro com sentido e confiança.

Então e agora? Juntem-se a nós! Este é o tempo de fazer a diferença!

Mais informações sobre esta ou as anteriores edições em www.3mn.pt.





MENSAGEM EM VÍDEO DO PAPA FRANCISCO AOS JOVENS
QUE SE PREPARAM
PARA A JORNADA MUNDIAL DA JUVENTUDE LISBOA 2023
“Já há 400 mil jovens inscritos!”

Queridos jovens,

Estamos a aproximar-nos – embora ainda faltem vários meses – da Jornada Mundial da Juventude e já há 400 mil jovens inscritos!

Chama-me a atenção e alegra-me que tantos jovens venham porque necessitam de participar. Alguns dirão “Eu vou por turismo”. Mas o jovem que vem é porque, no fundo, tem sede de participar, de partilhar, de contar a sua experiência e receber a experiência do outro. Tem sede de horizontes.

Vocês, jovens – já há 400 mil de vós inscritos – têm sede de horizontes. Nesta Jornada, aprendam sempre a olhar para o horizonte, a olhar sempre mais além.

Não levantem um muro diante da vossa vida. Os muros fecham-te, o horizonte faz-te crescer.

Olhem sempre para o horizonte: com os olhos, mas principalmente com o coração.

Abram o coração a outras culturas, a outros rapazes, a outras raparigas, que vêm também a esta Jornada.

Preparem-se para isto: para abrirem horizontes e para abrirem o coração.

E obrigado por se terem já inscrito, com tanta antecedência. Esperemos que outros sigam o vosso exemplo.

Que Deus vos abençoe, que a Virgem cuide de vós.

Rezem por mim, que eu rezo por vós.

E não se esqueçam: muros, não; horizontes, sim.

<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2023/documents/20230120-videomessaggio-gmg-lisbona>



Família Missionária Verbum Dei

Uma Família

A Família Missionária Verbum Dei (FaMVD), como o seu próprio nome indica, é primeiramente uma "Família" profundamente missionária e ao serviço da Palavra de Deus, formada por homens e mulheres de todas as culturas, línguas, nações e estados de vida. Os membros desta Família, movidos pela mesma missão e espiritualidade Verbum Dei, procuram seguir Cristo e transmitir a vida e o amor de Deus a todos os povos.

Três Ramos

No coração da Família Verbum Dei está a Fraternidade Missionária Verbum Dei (FMVD), uma Instituição de Vida Consagrada da Igreja Católica formada por pessoas que consagram a sua vida a Deus. Dela fazem parte:

_ Dois Ramos celibatários (que professam os votos de pobreza, castidade e obediência) - Missionárias e Missionários consagrados.

_ Casais Missionários - que se consagram a Deus através do sacramento do Matrimónio e de um compromisso solene que os vincula.

Fundada a 17 de Janeiro de 1963, em Maiorca (Espanha), pelo Rvdo. D. Jaime Bonet, a FMVD tem como Missão o anúncio da Palavra de Deus e a propagação do Seu Reino através:

_ da oração;

_ do ministério da Palavra;

_ do testemunho de vida evangélica.

Consulte as atividades da Família Missionária Verbum Dei de Lisboa em lisboa.verbumdei.org/calendario

Centro de Evangelização Vale de Lobos

Rua Profª Rosa Génio Alves nº 7, 2715-395 Almargem do Bispo

GPS N 38º 49' 15''; W 9º 17' 25''

Tel. Vale de Lobos - 21 962 42 84

Casa da Palavra

Largo João Vaz nº 15, 1700-151 Lisboa

Tel. 218 450 08 1

Fraternidade Missionária Verbum Dei

lisboa.verbumdei.org | contacto@verbumdei.org | Tel. Lisboa - 21

795 09 57

cadernodeoracaovd@gmail.com

